

IGREJA, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: DESAFIOS E QUEBRA DE PARADIGMAS

Djeine Pinheiro Rodrigues¹
Girinaldo Morais Braz Junior²
Ingrid Marcelly Brito Medeiros³
Ivana Clotilde Rizzi Advíncula⁴
Josley Maycon de Sousa Nobrega⁵
Paula Almeida de Castro⁶

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta pesquisa relacionada à inclusão de pessoas com deficiência em igrejas cristãs. Esta pesquisa surgiu da seguinte inquietação: as igrejas recebem pessoas com deficiência regularmente? Porque não vemos pessoas com deficiência ativas e atuantes nas igrejas? Ademais, a pesquisa tem por objetivo investigar a história da igreja cristã diante da pessoa com deficiência e da sua necessidade de inclusão e acesso aos ambientes cúlticos. Neste sentido, o objetivo é compreender como a igreja cristã, sendo um espaço de troca e guarda de saberes, comporta-se frente aos desafios de eliminação de barreiras para o acesso das pessoas com deficiência.

A figura de Jesus Cristo, descrita na Bíblia Sagrada, revela que as pessoas marginalizadas e desprezadas pela sociedade da época deveriam ser acolhidas e envolvidas em comunidade. Ao contrário do que era preconizado pelas classes dominantes, há relatos bíblicos de Jesus aproximando-se de pessoas com deficiência, conversando e tocando em pessoas doentes ou consideradas impuras.

No decorrer da história da humanidade, as pessoas com deficiência foram vistas como impuras e indignas de conviver e ter acesso a espaços da sociedade. Há relatos de bebês, crianças e adultos com deficiência sendo sacrificados, torturados ou servindo como entretenimento das classes privilegiadas. Leonart (2007) afirma que:

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva -PROFEI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB djeine.pinheiro.uepb.t4@gmail.com;

² Mestrando do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva- PROFEI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB girinaldojr@hotmail.com;

³ Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva- PROFEI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ingridd_marcelly@hotmail.com;

⁴ Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva- PROFEI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ivanarizzisatori@yahoo.com.br;

⁵ Mestrando do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva- PROFEI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, biojosley@gmail.com

⁶ Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - PB, paulacastro@servidor.uepb.edu.br.

As pessoas com deficiência, ao longo da história da humanidade, têm recebido diversos tipos de tratamentos. Os registros mais antigos dão conta que alguns povos simplesmente as exterminavam, outros, que as excluíam ou segregavam do convívio social. (Leonart, 2007, pag.01)

Com a expansão do cristianismo, as idéias a respeito da pessoa com deficiência incomodaram os cristãos a modificar a postura em relação aos marginalizados pela sociedade, embora motivados por compaixão e pena. Para Moisés, Ronaldo *et al* (2020, pág.7), “A pessoa com deficiência, por meio da ascensão da fé cristã durante a Idade Média, passou a ser considerada também filha de Deus e detentora de alma.”

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Conforme Severino (2007, p. 122), a revisão bibliográfica é “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” Portanto, este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica de obras relacionadas à história da igreja, do surgimento da escolástica em contraste com a história da pessoa com deficiência no Brasil que culminaram, para além da reflexão, em mudança de paradigmas e ações práticas. Após a revisão bibliográfica, criou-se um *link* no *Google Forms* pesquisa com perguntas estruturadas. O *link* foi enviado para grupos de *whatsapp* de igrejas de denominação evangélica. A coleta e tratamento de dados deu-se via planilha de *excel* e, também, pelo cruzamento das informações através da observação *in loco* em uma igreja específica.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Moisés, Ronaldo *et al* (2020, pág.7), “o surgimento da escolástica, movimento filosófico em que o conhecimento científico procurava unir a fé e a razão e que abriu espaço para o estudo da teologia foi um dos aspectos marcantes da Idade Média.” Os autores também mencionam que neste mesmo período a igreja era uma das forças detentoras do saber e do conhecimento político, um espaço de guarda dos saberes e de disseminação de valores e atitudes, tendo em vista que a educação acontecia de maneira exclusiva nos mosteiros através do clero. Os autores Moisés, Ronaldo *et al* (2020), sugerem, ainda, que:

A formação intelectual era restrita a pequena parte da população composta por nobres e postulantes a cargos religiosos, dessa forma, não foram encontrados registros que vislumbrem uma preocupação formativa para a pessoa com deficiência. Contudo, por meio da afirmação do monoteísmo cristão de abrangência global, às pessoas com deficiência o cristianismo instituiu que os mesmos eram também filhos de Deus, detentores de alma, logo, merecedores do direito à vida. (Moisés, Ronaldo *et al*, 2020, pág.7)

Breeding et al (2008) afirma que a palavra *handicap*, que na tradução literal significa “mão no boné”, deu origem a alguns conceitos a respeito do nosso olhar para com as pessoas com deficiência. A origem da palavra é antiga, da época em que as pessoas com deficiência ficavam nas esquinas pedindo esmola. Há relatos de que os pais quebravam as pernas dos filhos de propósito para que com as dificuldades motoras gerassem pena nos outros e conseguissem quantias de esmolas generosas. Esses filhos estendiam os bonés que estavam em suas mãos para receber as quantias em dinheiro por quem passava. Essa prática ficou conhecida como *handicap* que fora associada à deficiência, desvantagem, pedintes de esmola. E, no curso da história, os conceitos sobre as pessoas com deficiência foram disseminados, tais como: pessoas com deficiência são infelizes, pessoas com deficiência são coitadinhas, pessoas com deficiência são desafortunadas, entre outros conceitos. Segundo Bridi Filho (2001),

...o *handicap* é sempre variável. Um maior *handicap* significa que o meio está em maior dificuldade de interação - e vice-versa - com esse sujeito, um menor *handicap*, significa o inverso. Um exemplo possível é uma rampa, uma escada e uma cadeira de rodas ou uma atitude. Para o deslocamento de uma cadeira de rodas, uma escada aumenta o *handicap*, uma rampa o diminui.

O autor salienta que a expressão "*handicap*", no decorrer dos anos, foi associada às barreiras enfrentadas pela pessoa com deficiência. Quanto maior a barreira, maior o índice de *handicap*.

Apesar das discussões filosóficas da escolástica e do surgimento do ensino da teologia, o *handicap*, ou seja, a pessoa com desvantagem e as barreiras por ela enfrentadas, principalmente no seio da igreja, ainda mostram-se nos campos atitudinais e arquitetônicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As perguntas estruturadas foram enviadas para os grupos de whatsapp das igrejas evangélicas do Distrito Federal. No espaço de tempo concedido, foram coletadas 35 respostas. O formulário não exigiu qualquer identificação dos participantes, desta forma preservou-se a integridade e confiabilidade dos participantes.

Os dados mostram que 100% dos participantes (35 pessoas) são frequentadores de igrejas evangélicas. Um pouco mais da metade, 51,7% dos participantes (20 participantes), estão na faixa etária que compreende acima de 21 anos. As deficiências predominantes na faixa etária acima de 21 anos são: Transtorno do Espectro do Autismo, Deficiência Física, Deficiência Intelectual e Deficiência Visual. Na faixa etária de 16 a 20 anos, apenas duas respostas, correspondentes a 5,7% dos participantes (uma resposta para Transtorno do Espectro do Autismo e uma resposta para Deficiência Auditiva.). Na faixa etária de 11 a 15 anos, registrou-se 11,4%, correspondendo a quatro participantes dentro do Transtorno do Espectro do Autismo. O Transtorno do Espectro do Autismo também foi predominante na faixa etária de 5 a 10 anos. Esta faixa etária contou com 25,7% dos participantes, sendo quatro participantes com Transtorno do Espectro do Autismo, um com Trissomia do Cromossomo 21 (T21), dois com Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade e um com Deficiência Visual. Não foram registradas respostas no formulário de responsáveis que tenham filhos na faixa etária de 0 a 4 anos com deficiência e que frequentem alguma igreja.

De acordo com os dados acima, podemos inferir que dos frequentadores das igrejas com deficiência, 40% estão dentro do Transtorno do Espectro do Autismo, porém a faixa etária de maior participação e de frequência à igreja é de pessoas acima de 21 anos e em maior número de deficiências. Já no caso do Transtorno do Espectro do Autismo, a taxa predominante de frequência à igreja é na faixa de 5 a 10 anos de idade.

Ainda sobre os dados do formulário, quando os participantes foram questionados sobre o sentimento de empatia, importância e ações inclusivas promovidas pela membresia e liderança da igreja, vinte e oito (80%) participantes responderam que percebem que a igreja que frequentam e os líderes estão em processo de construção de uma cultura de inclusão. Porém, as barreiras atitudinais, embora em menor percentual, ainda existem e corresponderam a sete (20%) do *handicap* encontrado nas igrejas em que os participantes frequentam.

A principal queixa dos participantes quanto às barreiras, refere-se à falta de planejamento arquitetônico nos templos, tais como: falta de rampas no acesso ao templo e no altar, ausência de banheiro acessível, ausência de planejamento na frequência sonora dos instrumentos e microfones, ausência de intérprete de libras e equipamentos para audiodescrição e ausência de sala sensorial para autorregulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos dados, é possível perceber que ainda há um caminho extenso a ser percorrido para que a inclusão aconteça de maneira efetiva nas igrejas. Porém, observamos avanços na postura da liderança das igrejas e da própria membresia.

Embora os dados mostrem que o público com maior participação seja da faixa etária acima dos 21 anos de idade, os participantes desta faixa etária relatam que não há protagonismo nos cargos e na liderança da igreja por pessoas com deficiência. Um dos participantes relata que as ações e estratégias inclusivas são direcionadas para o público infantil e juvenil, já os jovens e os adultos com deficiência não são bem assistidos. Ou seja, não há programações ou ações específicas para esta faixa etária.

Um dos participantes, em sua resposta, finaliza que a igreja ideal seria aquela onde as pessoas seriam elas mesmas, sem julgamentos, pois ninguém é perfeito.

Lino de Macedo (2021), professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, acredita que o termo “educação inclusiva” é um pleonasma. Segundo Macedo (2021), todo processo de ensino deve ser inclusivo. Se ao lermos a frase de Lino de Macedo e trocarmos a expressão “educação inclusiva” por “ igreja inclusiva”, também teríamos um pleonasma. O ser igreja pressupõe comunidade. Viver em comunidade desperta em nós o sentimento e a necessidade urgente de aceitação e inclusão. Nesse sentido, é possível construir uma cultura de inclusão no seio das igrejas evangélicas.

Palavras-chave: Cristianismo, Estereótipos, Inclusão, Acessibilidade, História.

REFERÊNCIAS

BARROS, JOSÉ D'ASSUNÇÃO. **A Escolástica em seu Contexto Histórico. Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 231-239, jul./set. 2012.

BREEDING, Malesa *et al.* **Deixe Vir a mim todas as crianças**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. 140 p

BRIDI FILHO, CÉSAR AUGUSTO. **Deficiência, handicap e alguns demônios da inclusão**. In: Cadernos, edição: 2001, N° 18.

LEONART, A.P. DE SOUZA. **A inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho**. In: Revista Direitos Fundamentais & Democracia: Faculdades Integradas do Brasil. Curso de Mestrado em Direito da UNIBRASIL. Curitiba, v. 2, n. 2, p.1-60, jul. 2007. Semestral. Disponível em: . Acesso em: 29/5/2024.

MACEDO, LINO. **Educação inclusiva é pleonasma: todo processo de ensino deve ser inclusivo**. DIVERSA, [S. l.], p. 1-2, 21 jan. 2021

MOISÉS, Ronaldo *et al.* **A pessoa com deficiência no curso da história: aspectos sociais, culturais e políticos**. History of Education in Latin America, Campo grande, brasil, ano 2020, v. 3, n. 20780, p. 1-17, 20 maio 2020.

SEVERINO, ANTÔNIO. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p